

sempre atualizada em campos como a epistemologia, a psicanálise, a filosofia da linguagem. Uma das suas últimas, senão a última publicação foi o brilhante estudo “Planos da cognição e processos culturais” (na revista *Tempo Social*, 1989), onde analisa segundo um ângulo novo os mecanismos sociais e culturais envolvidos no processo de conhecer, em sentido amplo e vários níveis. Uma coletânea (que se impõe) dos seus dispersos mostraria a riqueza da sua atividade intelectual, na variedade dos temas e dos métodos. Mostraria como nele o antropólogo e o sociólogo eram ao mesmo tempo um homem de saber universal, capaz de circular com toque próprio, servido por um admirável estilo, da literatura à lógica, da sociologia ao cinema.

Quanto ao modo de ser, há de ficar na lembrança dos que o conheceram a marca da sua retidão tranqüila mas inflexível e o profundo desinteresse por qualquer sombra de fama, poder ou mesmo notoriedade. Praticamente, só escrevia premido por compromisso e não cuidava sequer de dar aos amigos os textos publicados. Talvez a sua única vaidade tenha sido a de saber, saber muito, saber mais, estar em dia. Fechado no escritório, mergulhado nas leituras insones da vida inteira, o mundo da inteligência foi para ele essa atividade mental depurada, desinteressada no sentido mais alto e mais completo da palavra. No mundo das relações, o seu dia-a-dia se caracterizava pelo exercício da tolerância apaziguadora e de uma invariável boa vontade. Por isso, poucos foram como ele tão admirados e tão afetuosamente queridos.

Ruy bom

Decio de Almeida Prado

*Ruy bom, cuidado! Motorista
Dos highlands do pensamento:
Nessas landas os nativos
Não consertam as estradas.*

Mario de Andrade

Cinquenta anos se passaram. E se me fosse dado recuar no tempo até 1940, como éramos então, um grupo de amigos unidos um pouco pela arte – cinema, literatura, música – e muitíssimo pelas afinidades pessoais (“a partir de um certo momento, creio que só conseguíamos nos divertir se estivéssemos juntos”, escreveu Gilda de Mello e Souza) e se me fosse pedido para predizer o futuro de cada um, sem o benefício do que fiquei sabendo depois, acho que não erraria sobre ninguém tanto quanto sobre Ruy Coelho. Imaginávamos, todos nós, acredito, que do grupo ele seria o mais literário e o mais produtivo. E se nos dissessem que lhe estava reservada uma excelente carreira burocrática, é provável que ríssemos. Ele mesmo, se não me engano, assim pensava. Quando o visitei pela primeira vez na sua sala de recém-empossado Diretor da Faculdade de Filosofia da USP, ele me perguntou, sorrindo: “Alguma vez, Decio, você supôs que um dia eu ocuparia esta cadeira, que já pertenceu ao seu pai?” Pelo tom divertido que deu às palavras, percebia-se que não apenas eu mas também ele jamais havia imaginado tal coisa. Estávamos ambos surpresos.

Em 1940 tínhamos, como sempre acontece, bons motivos para o nosso erro. Ao criarmos a revista *Clima*, em maio de 1941, Ruy, que só em dezembro completaria vinte e um anos, surpreendeu-nos com um ensaio de quase trinta páginas – e páginas alenta-

DECIO DE ALMEIDA PRADO é professor aposentado da FFLCH-USP e autor de, entre outros, *Exercício findo* (Editora Perspectiva).

das, de cinquenta linhas datilografadas – sobre “Marcel Proust e a nossa época”. A propósito de Albertine e Charlus, Swann e o Guermantes, agitava-se no artigo um elenco numerosíssimo de coadjuvantes, formado por críticos como Léon Pierre Quint e Ramon Fernandez, filósofos como Schopenhauer e Hüsserl, pensadores como Freud e Max Scheler, músicos como Debussy, pintores como Boticelli e Rembrandt, romancistas como Gide, Malraux e Aldous Huxley, além de Pirandello, Joyce, Jacob Wasserman – *et j'en passe* (para não desmerecer da nossa francofilia de então). A impressão que essa verdadeira súplica deixava era de um estudo amadurecido por mais anos de reflexão do que tinha de idade o autor.

Na distribuição de seções fixas da revista, nenhuma lhe foi atribuída. Resolução sábia, porque lhe permitia transitar por quase todas elas, quando descansava dos artigos gerais, passando da literatura ao teatro, da música ao cinema. Ele era o nosso precioso coringa, a carta privilegiada que substituíra qualquer outra, com igual ou maior competência.

Quando criticou *Fantasia*, o filme de Walt Disney que procurava conjugar imaginação musical e a imaginação pictórica através do desenho animado, Vinicius de Moraes comentou num jornal do Rio que Ruy surgia “nas letras nacionais como um acrobata-malabarista, adolescente, grácil, manipulando, com o mecanismo de um sorriso, os seus halteres, arcos e esferas sobre os trapézios volantes de qualquer assunto do mundo, inteligentíssimo, mas, para o meu gosto, muito perigosamente em excesso seguro demais de si mesmo nas duas voladas”.

Esse mesmo número de *Clima*, dedicado a *Fantasia*, levava Oswald de Andrade a enviar à revista um curto *Bilhete* em que, dirigindo-se a um imaginário redator, dizia: “A sua geração lê desde os três anos. Aos vinte tem Spengler no intestino. E perde cada coisa!” Não sei se perdíamos mesmo tanto coisa, nem se tínhamos armazenado nas entranhas tanta sabedoria livresca. Mas talvez Oswald, ao aludir à nossa erudição precoce, estivesse pensando especialmente no Ruy, naquele tempo seu amigo e companheiro constante.

Ele ainda não saíra da casa dos vinte anos. Mas já se podia antecipar alguns traços de sua fisionomia intelectual, que não se alteraria senão para intensificar-se com o correr dos anos. Linhas dominantes: conhecimento e memória enciclopédicos; preferência pela filosofia, pelas ciências sociais e por todas as artes, indistintamente; interesse voltado antes ao universal que ao nacional; facilidade para evoluir com rapidez instantânea de um conceito a outro, de um assunto a outro, mesmo quando relativos a áreas supostamente distantes. Ao dar aulas, já na maturidade, a uns desnor-teava, pela aparente (ou real) improvisação, pela ausência de um plano didático claramente assinalado. A outros, os mais cultos ou mais imaginosos, encantava, pelas aproximações inesperadas, pelas sugestões brilhantes lançadas de passagem, pelo leque de autores e de informações que abria. O pensamento, sempre móvel, em estado contínuo de elaboração, contrastava com a serenidade, elegância e graça da exposição.

Aquela imagem, a que tínhamos dele aos seus vinte anos, se incluía em germe a possibilidade de uma carreira no âmbito das ciências humanas, como a que fez, não aparentava estar relacionada nem de longe com qualquer atividade administrativa, universitária ou não. A questão é complexa e não sei se me farei entender. Ruy era descrito freqüentemente como aéreo e não nego que às vezes ele parecia pairar alguns palmos acima do solo. Mas, dessa altura, nada lhe escapava do que se passava cá embaixo, ao nosso nível. A sua incansável curiosidade estendia-se tanto às últimas hipóteses antropológicas européias quanto ao samba e ao futebol brasileiros. Amava as viagens, conheceu intimamente os Estados Unidos e a Europa, formou uma família um pouco à sua imagem e semelhança, na qual esposa e filhos, sem perder coisa alguma de suas individualidades bem marcadas, compunham com ele um conjunto homogêneo e feliz. Enfim, nada tinha de imaterial ou de místico, nos hábitos como nas convicções.

A diferença que o separava do comum dos mortais era a presteza com que subia ao universo das idéias puras postulado por Platão. Perfeita vocação de intelectual, nas qualidades e nos defeitos, encarnação do “clérigo” tal como o definiu Julien Benda num livro célebre em nossa mocidade, *La trahison des clercs*, Ruy participava da comunidade de “todos aqueles cuja atividade, em essência, não visa fins práticos, mas, tirando o seu prazer do exercício da arte ou da ciência ou da especulação metafísica, em suma da posse de um bem não temporal, dizem de alguma maneira: Meu reino não é o deste mundo”.

A evocação de um episódio talvez ajude a explicar o que venho tentando dizer.

Quando Ruy foi preso por motivos políticos e mantido incomunicável por vários dias, em 1970, criou-se entre os parentes e amigos uma expectativa pesada. Coitado do Ruy, tão gentil, tão afeiçoado às leituras noturnas, à música, ao conforto doméstico, como deve estar sofrendo! Depois, por vias subterrâneas, chegou aos irmãos um bilhinho secreto. Todos respiraram. Ruy pedia que lhe mandassem as obras completas de Proust. A primeira visita dissipou qualquer dúvida. Ruy insistiu em que ninguém se preocupasse com ele. A vida na prisão, acentuou, não diferia muito da que sempre levava. Continuava lendo, conversando, dando aulas, organizando cursos. De vez em quando, interrogado, discutia marxismo com tenentes e majores que certamente não sabiam com quem estavam se metendo.

Ora, curiosamente, esse distanciamento, que não significava nem indiferença pelas pessoas nem alheamento político (caso contrário, não teria sido preso), foi o que propiciou a sua ascensão na hierarquia universitária. Nunca foi propriamente (ou mesmo imprópriamente) um administrador. Mas para isso já existia na Faculdade de Filosofia um mecanismo bem montado, com funcionários experientes que, se já não eram, logo se tornaram seus amigos. A real dificuldade estava na Congregação, onde se batiam e se defrontavam, como de costume, interesses e tendências divergentes. E foi aí que Ruy cresceu. Não se envolvendo em questões pessoais, não tendo vaidade nem ambição de mando, erigiu-se naturalmente numa instância superior em que todos confiavam. Distráido em relação às coisas pequenas – e sobre isso construiu-se através dos anos um pitoresco e afetuoso folclore –, podia dedicar-se, como bom clérigo, aos fins maiores.

A tranquilidade com que enfrentou a morte confirmou a firmeza já demonstrada em todos os incidentes que cercaram a sua prisão, revelando o que havia de fibra interior em sua personalidade tão amena. Não escondeu nem ostentou a doença, as duas reações defensivas mais frequentes. O corpo depauperava-se mas a cabeça mantinha-se a mesma, lúcida, isenta. Conversava sobre tudo, menos sobre o seu caso. Contou, no entanto, que estava relendo Proust numa nova edição crítica que acabara de sair na França, pensando em escrever um artigo sobre a sua velha e inextinguível paixão.

Ruy Coelho frequentou longamente os *highlands* do pensamento sem nunca se extraviar neles, como temia Mario de Andrade. Mas também não deixou, à margem de sua atividade profissional universitária, a obra de ensaísmo literário de que era capaz e que esperávamos dele. Talvez por falta de ambição, parecia contentar-se nesse campo com a oralidade, como disse nas entrelinhas ao agradecer a homenagem que há poucos anos lhe prestou a Faculdade de Filosofia. Com isso perdemos nós, perdeu a literatura. Mas nunca ninguém lhe tirará as horas extras de prazer que ganhou ao deixar de escrever, dedicando-se à leitura da imensa legião de livros que num certo dia – ou, mais provavelmente, numa certa noite – despertaram-lhe a universal e voraz curiosidade. Pensar fascinava-o mais que passar as idéias ao papel, embora o fizesse com facilidade quando preciso. Em meio à feira de vaidades literárias talvez seja essa a mais modesta e requintada forma de sabedoria.

Os limites da catástrofe

Jerusa Pires Ferreira

OS CÍRCULOS DA VOZ

As mãos soltas e leves, um bailado contínuo, capazes de explicar tudo em ritmo gra-

JERUSA PIRES FERREIRA é professora da ECA-USP e trabalha com temas medievais e populares. É autora de *Cavalaria em cordel* (Editora Hucitec) e *O livro de São Cipriano – uma legenda em massas* (a sair em breve).

Junho
Julho
Agosto
1990

R E V I S T A
USP
145